

SIEGFRIED ADLER¹

(Hintersteinau, Alemanha, 1903; S. Paulo, Brasil, 1958)



Siegfried Adler (1913-1958). Conselheiro da Congregação Israelita Paulista (CIP) de 1945 a 1948; Tesoureiro no triênio 1954-1956.

Fotógrafo: F. Albuquerque.

S. Paulo, s.d. Acervo: M. A. Adler/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

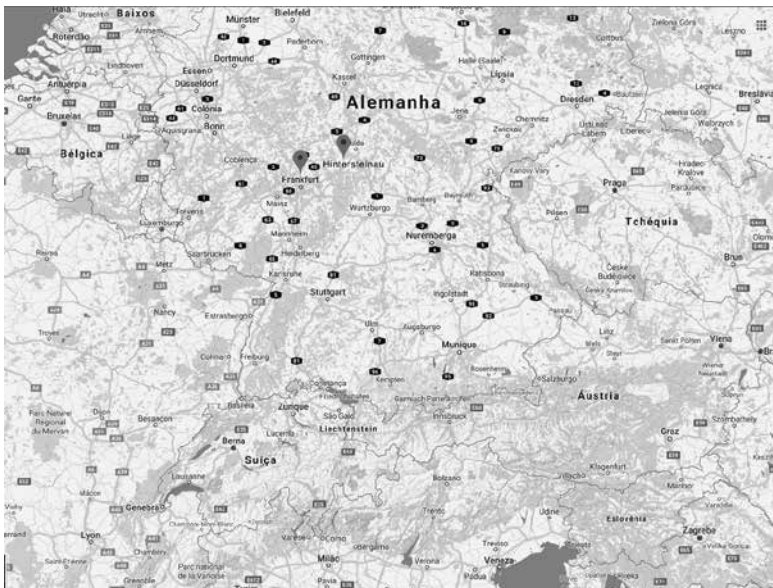
¹ Entrevista concedida por Mario Adler a Maria Luiza Tucci Carneiro em várias datas. S. Paulo, 2012, 2016 e 2018. Pesquisas: Tucci Carneiro e Blima Lorber, com informações adicionais de Mario Adler. História de Alma Adler segundo entrevista concedida por seu filho Joel Claudio Heiman. S. Paulo, 12 de agosto de 2017. Arqshoah/Leer-USP.

História da família Adler

Siegfried Adler nasceu em 13 de outubro de 1903 em Hintersteinau (Alemanha), filho de Abraham Adler e Fanny Adler e irmão de Erna Pino e Cilly Marx, sendo também meio-irmão de Frieda Adler, Bernhard Adler, Salomon Adler e Gustav Adler. Seus pais eram pequenos proprietários rurais e viviam do comércio de gado. Olhando para a Alemanha após a ascensão do nazismo em 1933 encontraremos Siegfried Adler residindo em Berlim.^A Desde jovem Adler envolveu-se com o mundo dos negócios, dedicando-se à fabricação e estamperia de tecidos em Berlim. Casou-se com Lieselotte Adler, sobrenome de solteira Hörter, nascida em Frankfurt em 14 de outubro de 1910, filha de David Hörter e Hella Pincus.

Em Fulda, a 100 quilômetros de Frankfurt, residiam Moritz e Frieda Adler com suas filhas Alma, Tilly e Elsbeth. Antes,

A-Index of Jews Whose German Nationality was Annulled by Nazi Regime, 1935-1944; Imposto de fuga e mandados de apreensão relacionados com esse imposto. Reichsfluchtsteuer und Steuersteckbriefe, Germany, 1932-1944. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum – USHMM.



Hintersteinau (Hessen), cidade natal de Siegfried Adler, nas proximidades de Frankfurt, cidade natal de Lieselotte Adler, ambas na Alemanha. Google Maps.

Siegfried Adler

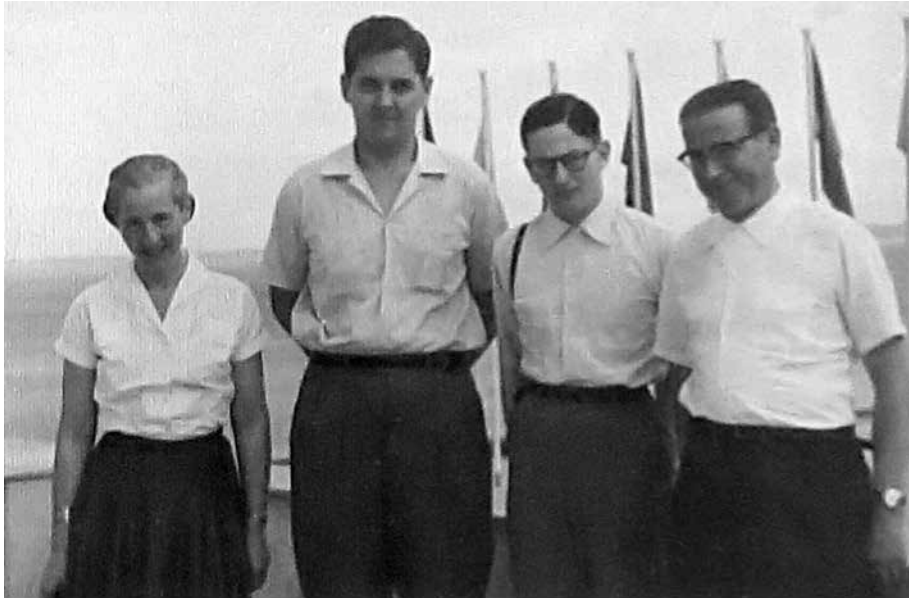
eles residiam na pequena vila de Hintersteinau, que ficava não muito distante de Fulda. Frieda Adler vinha de uma família de comerciantes de gado. Ali eles moravam em um pequeno prédio de uns três, quatro andares no máximo, e ao lado de um dos três irmãos de Moritz, cujos nomes eram Max, Leo e [n/id.] Adler, que mais tarde emigraram para os Estados Unidos. Em 1933, a residência de Moritz Adler foi invadida pelos nazistas, que agrediram violentamente o casal; um claro sinal do antissemitismo cada vez mais latente na sociedade alemã instigada pela propaganda nacional-socialista.

Desde jovem, Siegfried Adler envolveu-se com o mundo dos negócios e, já casado com Lieselotte, trabalhava com tecidos. Nesta mesma época, intimidados pela polícia nazista, Siegfried e Lieselotte resolveram buscar refúgio no Brasil, acompanhados dos tios Paul e Ilse Pressburger. Alma, sua sobrinha – que durante o período vivia em Fulda na companhia da família – foi para a Palestina através de um programa mantido pela americana Henrietta Szold (1860-1945)^A, líder de um movimento de mulheres sionistas dedicadas a cuidar da saúde em Eretz Israel.

Considerada apta para o trabalho (*kibertzin*), a jovem Alma, então com 16 anos, partiu para Jerusalém, via Trieste. Permaneceu na Palestina durante um ano, até ser chamada pelo tio, o Dr. Salomão Adler, residente em Bruxelas, na Bélgica, que a aconselhou a emigrar para o Brasil, onde já se encontrava seu tio Siegfried com Lieselotte. Antes da partida, sua mãe Frieda foi visitá-la em Bruxelas. Portando um visto para o Brasil, Alma foi até a Holanda com apenas um cheque de três mil réis (ou três contos de réis) e dali seguiu para Londres para encontrar um casal que a acompanharia até

A-Henrietta Szold nasceu em 21 de dezembro de 1860, em Baltimore, Maryland (EUA). Filha do rabino Benjamin Szold, importante líder espiritual do Templo de Baltimore Oheb Shalom, era a mais velha dos oito filhos. Estabeleceu a primeira escolar noturna em Baltimore para ensinar a língua inglesa para os imigrantes que ali chegavam. Em 1893, trabalhou na primeira editora para a Sociedade de Publicação Judaica, cargo que manteve por mais de 23 anos. Formada pela Jewish Theological Seminary of America, era altamente qualificada em estudos judaicos. Foi fundadora de uma organização voluntária voltada às mulheres conhecida como *Hadassa Women's Zionist Organization of America*. Em 1942, foi cofundadora do Ihud, partido político na Palestina dedicado a uma solução binacional. Faleceu em Jerusalém (Israel) em 13 de fevereiro de 1945.

Southampton. Finalmente, embarcou no navio Alcântara e, após duas semanas, desembarcou no porto de Santos em 8 de abril de 1937. Em S. Paulo, Alma trabalhou como doméstica até que, em 25 de junho de 1937, Siegfried comprou uma fábrica de bonecos de pano na rua Santa Clara, em S. Paulo. Uma nova estrela brilhava agora para a família Adler.



Família Adler (a partir da esquerda): Lieselotte Adler, um funcionário da fábrica *Estrella*, o jovem Mário Arthur Adler e o seu pai, Siegfried Adler. Salvador, 1957.
Acervo: Mário Adler; Arqshoah/Leer-USP.

Uma outra estrela

Foi Franklin Gemmel, então diretor das Lojas Americanas, que apresentou a Siegfried o italiano Constantino Tonatti, proprietário de uma falida oficina de bonecos de pano localizada na rua Santa Clara, em S. Paulo. Por apenas quatro contos de réis, Siegfried adquiriu quatro máquinas e herdou o nome da *Manufactura de Brinquedos Estrella Ltda.* que daria origem à fantástica fábrica da Brinquedos Estrella, hoje uma marca brasileira.

Inaugurada com cerca de 20 funcionários, transformou-se em uma espécie de fábrica de sonhos, conquistando crianças e adultos com suas sedutoras bonecas. Confeccionadas em tecido de algodão barato, eram vendidas para as Lojas Americanas, ainda uma loja de armarinhos. A fábrica inovou ao produzir as cabeças das bonecas com uma mistura de serragem e goma

Siegfried Adler

arábica prensada que, depois de secas, eram pintadas com a cor da pele e acrescidas de olhos, nariz e boca. Com a mesma aparência das bonecas importadas, passaram a ser exibidas nas vitrines do Mappin, da Casa Alemã e da Casa São Nicolau, lojas sofisticadas de S. Paulo. Nesta mesma época, o alemão Carlos Weil, amigo de Siegfried, juntou-se aos Adler emprestando-lhes sua experiência e seus conhecimentos de carpintaria e marcenaria adquiridos na Alemanha, quando havia trabalhado para a família Schuco, fabricante de brinquedos de madeira.

Moritz Adler (pai de Alma, Tilly e Elsbeth), assim que chegou ao Brasil começou a trabalhar na fábrica da Estrela como organizador do depósito. À medida que a idade foi avançando, passou a trabalhar meio período, mas sempre com as mesmas responsabilidades. Sua imagem de avô ficou gravada nas lembranças de seu neto Joel Claudio Heiman (filho de Alma e Paulo Heiman²), hoje médico e professor da Universidade de S. Paulo.

Em 1938, os escritórios da fábrica foram para a rua Müller nº 62 e, depois, para a rua Joaquim Carlos nº 266, também no bairro do Brás. Alma, que já estava em S. Paulo, tinha a tarefa de fabricar e desenvolver as bonecas e, com o passar do tempo, ela tornou-se diretora desse setor da Estrela, cuja produção depois foi expandida para outras áreas além das bonecas. Ainda neste mesmo ano, a fábrica estendeu sua representação para os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. A produção foi incrementada por vários tipos de bonecas que falavam “mamãe” e tinham cabeça e pés flexíveis. Acondicionadas em caixas luxuosas, criaram, em 1940, as bonecas “Shirley Temple” e “Clara”, além de “Derby”, um famoso cavalo de pau com 11 centímetros. Causou polêmica ao “americanizar” a estética dos brinquedos brasileiros, estampados com personagens da Disney. Além de madeira passaram a confeccionar brinquedos de metal, até entrar para a era revolucionária do plástico, após a Segunda Guerra Mundial. Alma revolucionou ao criar bonecas que andavam, falavam e faziam xixi, como se fossem gente, sendo “Meu Brotinho” e “Pupi” as mais cobiçadas.

2 Paulo Heiman nasceu em 7 de julho de 1913, e, logo após a morte do seu pai, Yoel Heiman, sua família mudou-se para a pequena cidade de Creglingen, onde recebeu o ensino básico. Mais tarde, foi para Frankfurt, onde frequentou um curso superior na área de física, interrompido por motivos de força maior. Em 25 de março de 1933, quando voltou a Creglingen para o feriado de Pessach*, teve a sua primeira experiência antissemita. Era um sábado e a família estava na sinagoga. Foi quando a polícia invadiu o local e levou todos os homens, exceto seu avô, Yossef Pressburger, um respeitado professor na cidade. Na delegacia, todos os prisioneiros foram torturados, inclusive Paulo Heiman. Ele, então com 20 anos, foi embora para a França, onde estudou química e, em 1937, veio para o Brasil atendendo ao chamado do tio, Sally Pressburger. Paulo casou-se com Alma Adler e faleceu em S. Paulo em 1979 aos 65 anos.



A fábrica da empresa Manufatura de Brinquedos Estrela. S. Paulo, 1987.

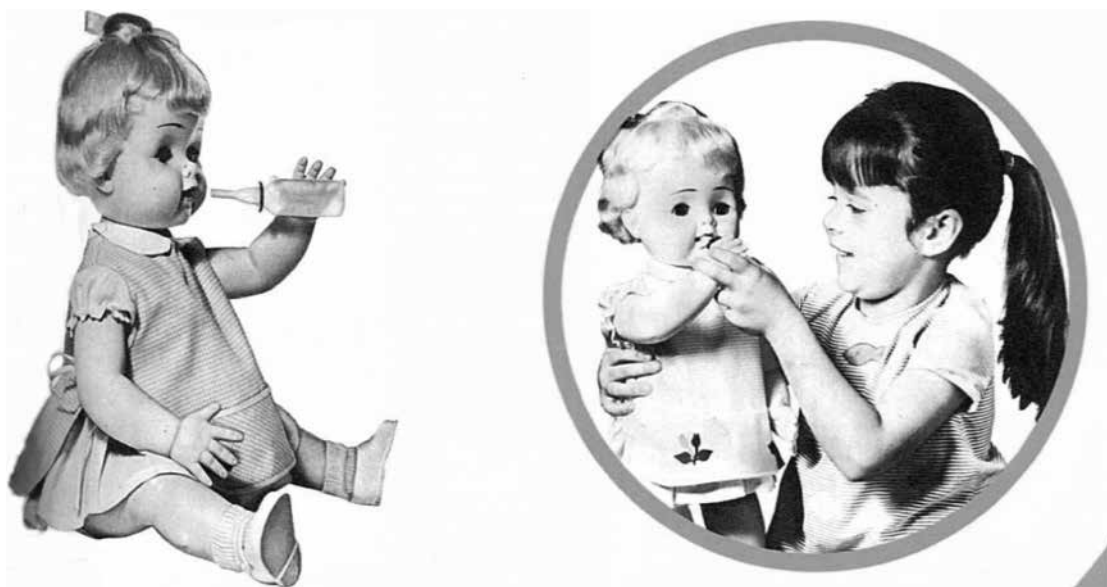


Evolução dos logotipos da Estrela desde a sua fundação em 1937 até 1997.^A



Banco Imobiliário na versão de 1953 foi um jogo criado em 1944 e é, ainda hoje, o produto mais popular da Estrela. Mais de 35 milhões de unidades foram vendidas no Brasil. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/album/2015/12/17/relembre-a-historia-da-estrela-e-veja-brinquedos-classicos.htm#fotoNav=13>>. Acesso em: 1º ago. 2018.>

A-Disponível em: <https://www.google.com.br/search?rlz=1C-5CHFA_enBR725BR725&biw=2118&bih=1256&tbm=isch&sa=1&ei=hMBhW9i1E-Iy4wAT8g6PwCA&q=logotipos+da+Estrela&oq=logotipos+da+Estrela&gs_l=img.3...1268443.1273549.0.1273767.20.16.0.4.4.0.121.1707.4j12.16.0....0...1c.1.64.img..0.15.1236...0j35i39k-lj0i67k1j0i10i67k1j0i30k1j0i8i30k1.0.xm72PcQZIJQ#imgdii=HoalEr-f1Cw8GbM:&imgrc=f3EX_PW3D-PKQyM>. Acesso em: 1º ago. 2018.>



Anúncio do Meu Bebê, uma das clássicas bonecas da Estrela, com mais de 10 milhões de unidades vendidas. S. Paulo, 1967.

A Manufatura de Brinquedos Estrella Ltda., pioneira neste ramo da indústria brasileira, é ainda hoje identificada pelo logotipo de uma estrela de quatro pontas, uma espécie de rosa dos ventos. As histórias de vida de Siegfried e Alma Adler são exemplares das trajetórias de milhares de judeus que buscaram refúgio no Brasil fugindo do nazismo. Através do livro de memórias *Raízes da Família*, escrito por Alma Heiman aos 90 anos de idade, temos uma ideia do drama que ela chamou de “brincando de viver”, posicionando-se como uma “espécie de sobrevivente”. Como parte do corpo de 20 funcionários, Alma chegou ao cargo de diretora industrial e ficou conhecida como “a mãe da boneca brasileira”. “Como Alma sabia costurar, ela foi muito útil em relação à idealização das bonecas de pano”, conta Mario Arthur Adler (1938), seu primo e filho de Siegfried.

Diante da situação crítica vivenciada pelos judeus na Alemanha, os Adler tentaram trazer a família de Alma para o Brasil, cientes de que vigorava nos bastidores do Itamaraty um conjunto de normas antissemitas sustentadas pelas Circulares Secretas. Em 5 de outubro de 1938, Alma Adler, então técnica da *Manufatura de Brinquedos Estrella*, solicitou ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil autorização de vistos, a serem emitidos pelo consulado-geral do Brasil em Frankfurt, aos seus pais Moritz Adler e Frieda Adler, e

também para suas irmãs Tilly e Elsbeth, menores de idade. No entanto, a burocracia não tem sentimentos e nem pressa para salvar vidas em perigo.

Na *Noite dos Cristais* (*Kristallnacht*), ocorrida em 9 de novembro de 1938 em diversos locais da Alemanha e da Áustria, Moritz Adler, pai de Alma, foi preso e levado para um campo de concentração, possivelmente Dachau. Com a ajuda do Dr. José Ephim Mindlin – advogado em S. Paulo e atuante na Congregação Israelita Paulista (CIP) como um dos seus fundadores e presidente – os Adler conseguiram liberar o visto para Moritz que, desta forma, deixou o campo e embarcou para o Brasil, onde chegou em 29 de dezembro de 1939 pelo porto de Santos. A mãe de Alma permaneceu na Alemanha até janeiro de 1940, pois o governo brasileiro havia indeferido os vistos para as crianças Tilly e Elsbeth, seguindo as regras antissemitas das Circulares Secretas.

Segundo Mário Adler:

Meu pai conseguiu também trazer para o Brasil sua mãe Fanny Adler, sua irmã Cecilie Adler, seu irmão Bernhard Adler e família, e os pais de minha mãe, David e Hella Hoexter, bem como o irmão da minha mãe, Hans Hoexter. A Estrela ficou muito conhecida e respeitada por empregar inúmeros imigrantes recém-chegados a fim de possibilitar a eles um novo início de vida. Como geralmente estas pessoas tinham um alto nível, essa atitude ajudou, não só os imigrantes, mas também a Empresa. Até hoje recebo comentários dos próprios imigrantes e/ou de seus parentes, de como essa ação do meu pai foi imensamente positiva para essas pessoas e o quanto me agradecem. [ADLER, 2018]

A dimensão de um legado



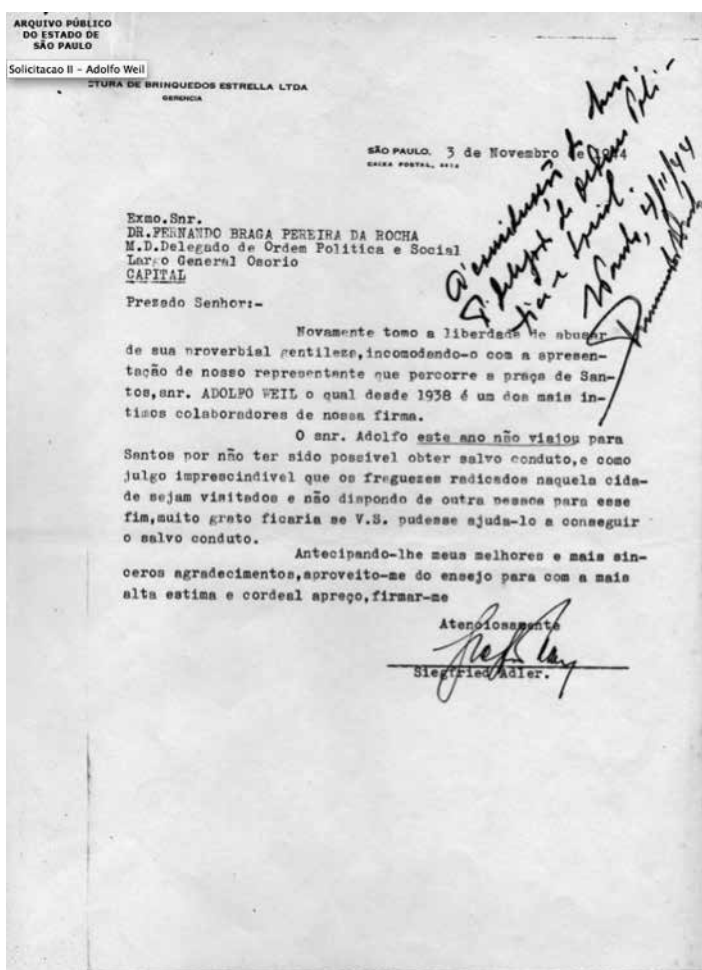
O logotipo da Estrela guarda, na sua essência, um amplo legado que, na maioria das vezes, não é conhecido por aqueles que usufruem das fantasias oferecidas por seus brinquedos. Os brinquedos da Estrela fazem parte da vida de várias gerações que cresceram brincando com alegria.

Siegfried Adler (1903-1958) inventou para nós brasileiros uma “outra estrela”, bem diferente daquela usada pelos nazistas para identificar os judeus como uma “raça impura”, não ariana. Ele criou uma fábrica de sonhos e fantasias que, ainda hoje, povoa

Siegfried Adler

o imaginário das crianças, sem distinção de raça, religião e classe social. É difícil encontrar alguém que não tenha passado horas e horas brincando de *Banco Imobiliário*, *Jogo da Vida*, *Pega-Varetas*, *Fliperama*, *Aquaplay*, *Autorama*, além dos bonecos do *Comandos em Ação* e o famoso *Genius*. Creio que muitos de nós, adultos, têm guardado em seu armário uma boneca Estrela, o cachorro Mimoso, dentre outras tantas relíquias da infância. Este legado estende-se a Alma Adler, considerada como a “mãe” das bonecas Estrela. Assim como diz o *slogan*: “Toda história tem dentro do coração uma Estrela.”

Além dos brinquedos, Siegfried Adler tem o seu nome gravado na história dos judeus



refugiados do nazismo radicados no Brasil, que encontraram trabalho na fábrica Estrela como revendedores autônomos ou funcionários. Entre 1942 e 1945, Siegfried Adler tornou-se uma espécie de protetor daqueles que chegavam fugindo do nazismo ou que, radicados em S. Paulo, eram vigiados pela Polícia sob suspeita de serem “Súditos do Eixo”. A fim de evitarem situações constrangedoras, os judeus portavam uma carta de apresentação fornecida pela Estrela, que se responsabilizava pelos seus funcionários, ainda que apátridas, e pelos seus documentos. É de se imaginar o clima de tensão e insegurança vivenciado por todos aqueles que, sendo judeus, buscaram refúgio no Brasil.

Carta de Siegfried Adler a Fernando Braga Pereira da Rocha, delegado do Deops/SP, apresentando Adolfo Weil, funcionário da Estrela. S. Paulo, 3 de novembro de 1944. Fundo Deops-APESP/SP. Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/index.php/arquivo/490-arq-480-solicitacao-ii-adolfo-weil>. Acesso em: 1º ago. 2018.>

Além de empreendedor, Siegfried Adler encontrou tempo para

Além de empreendedor, Siegfried Adler encontrou tempo para

dedicar-se à Congregação Israelita Paulista (CIP) onde assumiu várias funções administrativas como membro do Conselho da Diretoria entre 2 de janeiro de 1942 e março de 1957, durante as gestões dos presidentes Dr. Roberto Lichtenstein, José Ephim Mindlin e Albert Stahl. Sempre se fez presente desde a fundação da CIP, primeiro na condição de judeu alemão e refugiado, depois como conselheiro. Integrou o Conselho da Diretoria, eleito em 17 de dezembro de 1941. (CARNEIRO, 2013, p. 274-281; HIRSCHBERG, 1976, p. 231-233).

Lieselotte Adler^A, por sua vez, participou do I Conselho Deliberativo do Centro Israelita de Assistência ao Menor (CIAM) – Assistência à Criança Excepcional. Fundado em 29 de fevereiro de 1965, o CIAM mantinha o Instituto Harry Fromer, em Jaguaré, com pedagogos, professores e assistentes sociais para cerca de quarenta e cinco crianças. Dentre os membros eleitos estavam Bertie Levi, Betty Katzenstein Schoenfeld, Judith Kogan, Judith I. D. Rabinovitch, Lorre A. Eberhardt, Blanka Openztein e Margarida H. Windholz. (CARNEIRO, 2018; CYTRYNOWICZ, 1992)

Importante lembrar que Siegfried Adler, além de ser um dos fundadores do Lar das Crianças da CIP, deixou em testamento uma expressiva doação para a construção de uma sinagoga, o que foi realizado no atual terreno do Lar, no Alto da Boa Vista, em S. Paulo. Um dos seus cargos mais importantes, nos anos de 1955-1958, foi a Presidência da Comissão da Construção da atual sede à rua Antonio Carlos nº 653, o que inclui a compra do terreno e a completa construção do edifício-sede. Adler envolveu-se diretamente com o trabalho para a obtenção de doações, garantindo assim

A-Lieselotte Adler nasceu em Frankfurt em 14 de outubro de 1910, filha de David Höxter e Hella Pincus. Após a morte de Siegfried em 13 de junho de 1958, tornou-se diretora-geral da Manufatura de Brinquedos Estrela. O Hospital Albert Einstein mantém *in memoriam* a Biblioteca Lieselotte Adler Z'L, localizada na Unidade Morumbi. Junto ao Centro Israelita de Assistência ao Menor (CIAM) e da Aldeia da Esperança consta que Lieselotte Adler tomou posse no I Conselho Deliberativo composto de 30 membros. Lieselotte faleceu em 23 de dezembro de 2000, estando enterrada, assim como Siegfried, no Cemitério Israelita do Butantã, em S. Paulo, Setor H, Quadra 2, Sepulturas 11 e 12. Ver: <http://playvender.blogspot.com.br/2014/10/historia-da-estrela.html>.

Siegfried Adler

a execução do projeto, materializado em um expressivo exemplar do patrimônio histórico e arquitetônico brasileiro.

Hoje temos em Mario Arthur Adler, filho de Siegfried e Lieselotte Adler, o símbolo da saga dessa família que soube vencer e ajudou outros tantos a encontrar seus caminhos. Nos períodos de 1996-1998 e 1999-2000, Mario atuou como presidente da CIP, sem deixar de ser uma personalidade sempre presente em vários outros segmentos da comunidade judaica brasileira. Pelo lado de Alma Adler, contamos com os conhecimentos científicos de seu filho Joel Claudio Heiman, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, especializado em nefrologia. Graças ao seu acervo e testemunho conseguimos reconstituir um dos segmentos deste legado: a trajetória de Alma Adler, a “mãe” das bonecas Estrela.



Vista geral do templo da CIP, projetado por Henrique Mindlin e iluminado por Lívio Edmondo Levi (1933-1973). Parede frontal em mármore vermelho e branco, e paredes laterais revestidas com ripas de madeira. Coro atrás do painel revestido de metal.

Fonte: *Acrópole*, FAU-USP, nº 254, dezembro, 1959.



Alma Adler, a idealizadora das bonecas Estrela.
S. Paulo, s.d. Acervo Heimann/SP; Arqshoah/Leer-USP.